

GT 19 - NEOPAGANISMO, BRUXARIA, OCULTISMO, MAGIA E NOVA ERA

A reintegração dos gêneros na oração sacerdotal de Jesus Cristo: a androginia em análise soteriológica esotérica

Rafael Heneine
Fabrício Possebon

Resumo

A união com a divindade tendencia ser a *metanoia* basilar do fator soteriológico das religiões ocidentais, *grosso modo* analisando. O *homem primordial* mítico seria aquele que tinha no âmago de sua origem a essência andrógina divina, afastado dessa, pela cisão das polaridades masculina e feminina. A *coincidentia oppositorum* é a absoluta *unidade-totalidade* que interessaria ao profano alcançar, reintegrando nos opostos a união com o sagrado, hipoteticamente perdida. Esta noção é então utilizada para propormos nossa interpretação do Cap. XVII, do Evangelho de João, como a evidência dessa unidade *primeva* e *ulterior*. Em síntese, na oração, Cristo *andrógino* dirige-se a seu Pai *autógeno*.

Introdução

Propomos neste estudo inicialmente identificar no Cristo um andrógino em potencial e nessa qualidade andrógina buscar uma resposta soteriológica em sua própria oração. Utilizando para tanto alguns exemplos da Bíblia Sagrada, em uma análise comparativa com obras de cunho esotérico, trazer à percepção no texto essa qualidade andrógina esotérica e demonstrar que pode se tratar de uma salvação que se manifesta *dum vivit*, diferente da noção de salvação *post mortem*. Finalmente, tentaremos promover uma compreensão mítica mais ampla sobre a divisão dos gêneros, que na essência primordial, masculino e feminino, eram um só, e coexistiam em interdependência, em uma análise sem distinções hierárquicas ou políticas, indiferente às ideias patriarcais e/ou matriarcais criadas pela sociedade

contemporânea, que é muitas vezes motivo de preconceito e violência de vários tipos (Aguiar, 2014).

Antes de adentrarmos o tema propriamente dito, uma série de referências serão recordadas para situar o leitor no amplo contexto da antiguidade.

No Livro dos Mortos do Antigo Egito, eis algumas passagens que fazem referência ao duplo etéreo:

Salve, oh! Meu *Duplo etéreo!* Olha! Ainda existo! Vivo! Venho para ti cheio de vigor e de poder mágico ... Se eles prosperam, eu também prospero, pois meu *Duplo* é semelhante a seu *Duplo*, e o alimento de nossos *Duplos* é o mesmo (Cap. CV-p. 118)

Ísis é denominada Ísis-Neit, enquanto andrógina. Na Babilônia, o deus-Lua Sin é andrógino e quando foi substituído por Ístar, esta conservou seu caráter de androginismo (Brandão, 1986.b-p. 75). Na Bíblia temos o explícito exemplo de Eva sendo formada a partir de uma das costelas de Adão, uma demonstração de cisão daquilo que era original e primordial:

e a costela que o Senhor Deus tomara ao homem transformou-a numa mulher e lha trouxe. E disse o homem: esta, afinal, é osso dos meus ossos e carne da minha carne... (Gênesis - cap. 2, v. 22 e 23 -p. 4)

Porém de imediato, na sequência, o texto ressalta a ideia de que, em união, homem e mulher são uma só carne: *“por isso, deixa o homem pai e mãe e se une à sua mulher, tornando-se uma só carne (v. 24)”*, como que uma solução material e temporária para aquilo que foi anteriormente espiritual e definitivo, uma totalidade primordial:

havia uma totalidade compacta e que essa totalidade foi seccionada ou fraturada para que o Mundo ou a humanidade pudessem nascer. Ao andrógino primordial, sobretudo ao andrógino esférico descrito por Platão,

correspondem, no plano cósmico, o Ovo cosmogônico ou o Gigante antopocósmico primordial (Eliade,1999-p.119).

Na mitologia grega encontramos essa noção nos próprios deuses, andróginos em sua essência primordial, como por exemplo:

“Crono, o Tempo, que gera no Éter, por ele criado juntamente com o Caos, o Ovo primordial, onde tem origem o primeiro dos deuses, Eros, também chamado Fanes, deus-criador, andrógino” (Brandão, 1986.b-p. 156).

Percebemos que a noção do andrógino é antiga, e impactante o suficiente para sobreviver no imaginário da humanidade por séculos, migrou sob a influência de algumas culturas, como por exemplo as citadas nos textos acima, dos egípcios, babilônicos, hebreus e gregos. Não temos a intenção de relatar esse processo de migração, que é um tema demasiado extenso para este artigo, mas identificarmos que posteriormente aparece, como dantes.

No emblema XXXVIII da obra *Atalanta Fugiens* (imagem 1, Maier, 1618), podemos ver o casamento de Mercúrio e Vênus (Hermes e Afrodite), e daí nasce o Hermafrodita (Brandão, 1986.a-p. 220), o *Rebis*, conceito próximo do que consideramos ainda o ser ideal de andrógino.

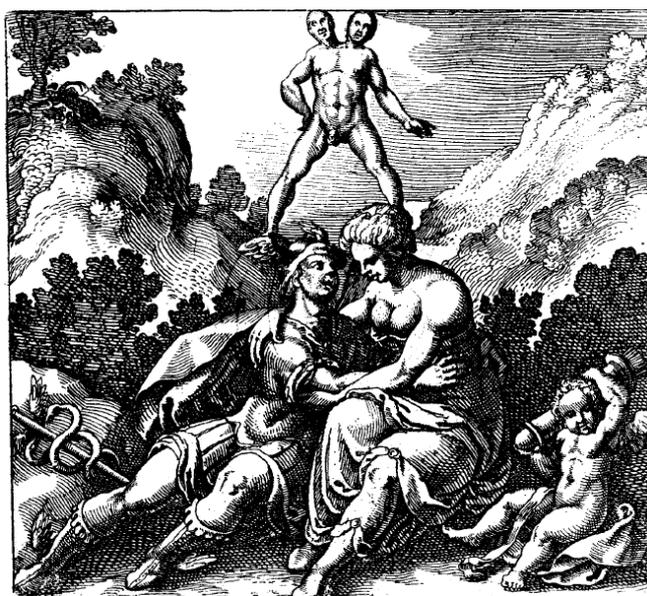


Imagem 1: Emblema XXXVIII da obra *Atalanta Fugiens*

Em 1616 se tornou público, as Núpcias Químicas de Christian Rosenkreuz que, através de um relato iniciático, representa a manifestação do casamento do Rei e da Rainha, a *opus magnum* alquímica (Gorceix,1977-p.52), a união dos elementos, representados no Sol e na Lua, para o surgimento de um terceiro elemento, novamente o *Rebis*, o produto final, o ser duplo alquímico:

De fato, um dos nomes da Pedra Filosofal era justamente *Rebis* o “ser duplo” (lit. “duas coisas”), ou o Andrógino hermético. *Rebis* nascia em decorrência da união entre o Sol e a Lua, em termos alquímicos, da união entre enxofre e o mercúrio. (Eliade,1999-p. 106)

A reintegração é encontrada na obra *Tratado da Reintegração dos Seres* de Pasqually, e utilizada pelos Rosa-Cruzes do século XX, chamado de ser dual (Lewis, 1982-p.83), assim como pela Teosofia, nas obras de Blavatsky.

Esses são alguns poucos exemplos, todavia suficientes para desenvolver nossa proposta de análise.

A oração do Cristo Andrógino

Já foi pesquisado e identificado que a *coincidentia oppositorum* é uma união com o sagrado, e portanto transcendental. A salvação pode ser uma experiência *post mortem*, com a ida da alma para o paraíso, mas também pode ser seu contraste, através de uma experiência enquanto vivo, já que

de certo ponto de vista, podemos dizer que numerosas crenças que implicam a *coincidentia oppositorum* traem a nostalgia de um Paraíso perdido, no qual os contrários coexistem sem confrontar-se e onde as multiplicidades compõem os aspectos de uma misteriosa Unidade (Eliade, 1999-p. 128)

Este é um ponto de vista que devemos fixar ao tentar entender como esta noção pode de fato ser soteriológica, em um contexto como o da oração sacerdotal do Cristo.

Neste ponto definimos e explicamos como entendemos determinados conceitos básicos: esotérico é um termo que se dá ao conhecimento de dentro, que difere do exotérico. Com isso nos referimos às obras usadas como esotéricas por terem um conteúdo ligado aos ensinamentos do ocultismo, assim como da alquimia.

Também optamos utilizar uma noção de andrógino da qual não se trata de um ser anatomicamente hermafrodita, pelo acúmulo de órgãos sexuais:

O hermafrodita concreto anatômico era considerado uma aberração da natureza ou um sinal de cólera dos deuses e, conseqüentemente, suprimido de imediato. Só o Andrógino ritual constituía um modelo, pois implicava não a acumulação de órgãos anatômicos, mas, simbolicamente, a totalidade dos poderes mágicos religiosos associados ao dois sexos (Eliade, 1999-p. 103),

no caso de uma totalidade que concede poderes mágicos na *união do dois sexos* e transcende a consciência una em dual a partir da *coincidentia oppositorum*, sendo esta uma noção que entendemos ser soteriológica.

No evangelho do Apostolo João (cap. 17, p. 120 e 121), Jesus pede a seu Pai Divino, que assim como eles estão em unidade, que seus discípulos estejam também (v.22). Na oração, quando Cristo diz “*já não estou no mundo*” (v.11), ele se refere a seu caráter divino, que identificamos como a realidade andrógina. Não estar nesse mundo é não ser participante da situação profana do ser, é estar iluminado, equiparado ou superior aos anjos, que não têm sexo nem se dedicam ao ato (Mateus cap. 22, v. 30-p. 28), pois é por essência, andrógino. Se o Cristo nasce da Virgem Maria, ele é parte de Maria, como se Maria concebesse sua própria centelha masculina, maximizada pelo dom do Espírito Santo (Eliade, 1999-p. 108). Sendo andrógino por natureza, e sabendo ser essa a condição divina que cabe ao homem alcançar, é de se entender no texto que ele queira o mesmo para seus discípulos. Encontramos algumas noções soteriológicas na Bíblia e no Novo Testamento, que podem ser assim entendidas: através do simples confessar de fé (Romanos, cap. 10,

v. 9, p. 170), pela graça, não pelas obras, para que ninguém se vanglorie (Efésios cap. 2, v. 8, 9-p. 206), e também pelo aspecto da liberdade através do conhecimento da palavra (João, cap. 8, v. 32 e v. 51, p. 110 e 111), deste último nos apegamos para esclarecer a queda do homem que se deu justamente quando este comeu do fruto do Conhecimento, que é o que melhor se adequa à realidade, sem metamorfoses ou hierofanias fantásticas, mas através de um princípio de tomada de consciência. Com isso não excluimos o mito, e sim sua função por demais imaginativa:

quando o homem, de andrógino potencial que era, vem a separar-se em macho e fêmea, então, e só então, adquire uma Alma consciente, racional e individual (Manas), "o princípio ou inteligência dos Elohim", devendo, para isso, comer o fruto do Conhecimento, produzido pela Árvore do Bem e do Mal" (Blavatsky, 1999-p. 461),

o que dá a entender na visão Teosófica, que a cisão não foi uma separação anatômica do ser, mas uma escolha em optar sua disposição mental para a polaridade masculino ou feminina. Sob este ponto de vista, podemos dizer que Cristo era deus por ser o *logos* divino e andrógino (João cap.1, p. 99), mas também podemos supor que ele, apesar de ser deus, era homem e precisou adquirir através de sua senda essa divindade. Cristo-homem só despertou seu caráter divino após sua crucificação e ressurreição, o que é possível de ter um significado alegórico e místico. Sendo alegórico, podemos nos atentar para as próprias palavras de Jesus a Nicodemos, quando diz que é necessário nascer de novo (João cap. 3, p. 101), uma noção mística (*do grego μυστικός, transliterado mystikos, "um iniciado em uma religião de mistérios"*), pois não é possível biologicamente, nascer de novo.

Nascer de novo deve ser entendido como um processo místico (Eliade, 1992-p. 94), é um processo também alquímico, a fênix, por exemplo, ocupa este papel de renascimento. Cristo encontrou na totalidade do *Si-mesmo* suas duas naturezas, *mysterium coniunctionis* (Jung, 1946 in: Eliade, 1999-p. 81; Gorceix, 1977-p. 51), pois a ideia de *Si-mesmo* compreende todo um despertar da consciência com relação a sua natureza *primeva e ulterior*

(Platão, 1991, p.57), e é uma iniciação dos mistérios, um segundo nascimento (Eliade, 1992-p. 96). Podemos então confirmar essa noção de um processo de consciência do Si-mesmo primordial, quando Cristo diz em sua oração (João cap. 17, p. 120 e 121) que “*eles reconhecem que todas as coisas que tens me dado provém de ti; por que eu lhes tenho transmitido as palavras da verdade*” (v. 7 e 8), sendo aqui identificado o processo da transmissão do conhecimento. Seguido de “*agora, vou para junto de Ti e isto falo no mundo para que eles tenham o meu gozo em si mesmos*” (v. 13), o que é evidente, já que o gozo do Cristo, é sua natureza sagrada, andrógina e primordial, e em condição semelhante devem estar seus iniciados, perceber em si-mesmos a mesma natureza, revelada no Cristo para os homens. Também temos, “*santifica-os na verdade, a tua palavra é a verdade*” (v. 17), e ainda, “*a fim de que eles sejam aperfeiçoados na unidade*” (v. 23), a unidade sendo uma verdade, aqui é identificada pela santificação. Santificar é estar separado, em devoção, é a verdade pela palavra, e o que torna possível essa condição de unidade com a divindade, a unidade dos opostos. Finalizando ele diz: “*Pai, a minha vontade é que onde eu estou, estejam também comigo os que me deste, ... porque me amaste antes da fundação do mundo*” (v. 24), confirmando essa noção primordial evocada pelo cristo em sua oração.

Entendemos assim que este conceito soteriológico de conotação esotérica é evidente na oração do *Cristo andrógino* para seu *Pai autógeno*, pois na transmissão de um conhecimento que é primordial, sugere-se um processo de despertar da vontade pela consciência para o aperfeiçoamento, segundo Pasqually:

acontece em “três operações, que são: a primeira, aquela feita para a reconciliação de Adão, a segunda, para a reconciliação do gênero humano, no ano 4000 do mundo, e a terceira, aquela que deverá aparecer no fim dos tempos e que repete a primeira reconciliação de Adão, reconciliando toda a sua posteridade com o Criador...”,

a reconciliação do primeiro Adão, se trata de Adão-Cadmo, o andrógino cosmogônico. A reconciliação do gênero-humano é de fato a união dos

gêneros masculino e feminino, *ab origine*. Ao entendermos a noção de “*fim dos tempos*” podemos então perceber o caráter soteriológico dessa oração, que fala de origem e fim, e a condição que supera este fim, a unidade andrógina. São então todos UM em Cristo (Gálatas, cap. 3, v. 28, p. 202), pelos séculos dos séculos.

A morte e ressurreição do Cristo, sendo entendida como um despertar interno (Blavatsky, 1999-p. 513) da consciência, se dá em um processo que acontece enquanto vivo. A cruz do calvário *Jesus Nazarenus Rex Iudaeorum* (Jesus de Nazaré Rei dos Judeus) pode então se tornar a cruz alquímica hermética, *Igni Natura Renovatur Integra* (A Natureza é integralmente renovada pelo Fogo), referência alquímica de renovação espiritual (INRI - Imagens 2 e 3), ou seja, uma crucificação da natureza profana e mortal, para o surgimento da natureza sagrada e imortal (Colossenses, cap. 3, v.5 a 11-p.216), para enfim se tornar uno e divino.



Imagem 2 – Cruz do Calvário

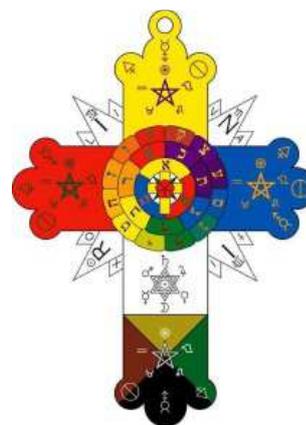


Imagem 3- Cruz Alquímica

O Cristo dessa forma pode ser comparado ao conhecimento (2ª Pedro cap. 3, v. 18, p. 255), fogo que transmuta a matéria bruta, nesse caso a ignorância, “*e ele vos batizará com o Espírito Santo, e com fogo*” (Mateus, cap. 3, v. 11-p. 5), pois “*o fogo provará qual seja a obra de cada um*” (1 Coríntios, cap. 3, v. 13, p. 178). A reintegração dos gêneros é então um ideal soteriológico, é basilar para se alcançar o estado divino andrógino primordial, *dum vivit*, “*até que todos chegemos à unidade da fé, e ao conhecimento do Filho de Deus, a homem perfeito, à medida da estatura completa de Cristo*” (Efésios, cap.4, v. 13). É um processo alquímico da

consciência, de interiorização, que pode alcançar, hipoteticamente, uma noção de Sí-mesmo: “*Ó homem, conhece-te a ti mesmo, e conhecerás os deuses e o universo*” (inscrição no oráculo de Delfos, atribuída aos Sete Sábios, 650 - 550 a.C.).

Conclusão

Concluimos que a proposta feita por nós foi possível de ser realizada ao identificarmos o processo de despertar da consciência, através da transmissão do conhecimento primordial, sendo possível que, enquanto vivos, todos alcancemos o estado Crístico Andrógino. É então constatada como um processo soteriológico, pois se dá desde a origem, com a redenção no fim dos tempos através da reintegração dos gêneros, de caráter esotérico, pois foi primeiramente, transmitido somente aos discípulos iniciados, para depois se tornar, este conhecimento, acessível a todos, que na nossa proposta de análise, é identificado na Oração Sacerdotal, no evangelho de João, Capítulo XVII, como sendo o caráter andrógino do Cristo.

Também acreditamos ter colaborado para uma conscientização a respeito da divisão dos gêneros a partir dos mitos e, ao mesmo tempo, desmitificando, trazendo à luz uma compreensão singular de colaboração e união dos gêneros e das diferenças, para se atingir uma mentalidade equilibrada da realidade e conhecer melhor o homem-ser enquanto humano e iguais.

Referências

AGUIAR, A. T. O mito do duplo, androgenia e Imago Dei - Protestantismo em Revista, v. 34, p. 26-41. São Leopoldo: maio/ago, 2014. Disponível em: <<http://periodicos.est.edu.br/index.php/nepp>>

BÍBLIA Sagrada. Antigo e novo testamento. Gênesis, cap. 1 a 3-p. 4; Mateus cap. 3, v. 11-p. 5, cap. 22, v. 30-p. 28; João cap. 1-p. 99, cap. 3-p. 101, cap. 8, v. 32 e v. 51-p. 110 e 111, cap. 17-p. 120 e 121; Romanos cap. 10, v. 9-p. 170; 1 Coríntios cap. 3, v. 13-p. 178; Gálatas, cap. 3 v. 28-p. 202; Colossenses cap. 3, v. 5a 11-p. 216; Efésios cap. 2, v. 8, 9-p. 206; cap. 4, v. 13-p. 207; 2ª Pedro cap. 3, v. 18-p. 255. Tradução João Ferreira de Almeida; 2ª edição. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

BLAVATSKY, Helena Petrovna. **A Doutrina Secreta. Volume 1, Cosmogênese: “Andrógino”, p. 131; 185; 202; 206-207; 224-226; 282; 291; 416-418; 440; 460-461; 471; “Jesus”, p.513.**São Paulo: Pensamento, 1999.

BRANDÃO, Junito de Souza. Volume 1. **Mitologia Grega: “Hermafrodita”, p.220.** Petrópolis: Vozes, 1986.

_____. Volume 2. **Mitologia Grega: “Andrógino”, p.75; 122; 156; 205; 234.** Petrópolis: Vozes, 1986.

ELIADE, Mircea. **Mefistófeles e o Andrógino. Mefistófeles e o andrógino ou o mistério da totalidade, pp. 77-127.**São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. **O sagrado e o profano.Cap. IV – existência humana e vida santificada - Sociedades masculinas e sociedades femininas, pp. 92-94; Iniciação e morte, pp. 94 e 95; O “segundo nascimento” e a criação espiritual, pp.95 e 96.** Versão Digital: e-books. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

GORCEIX, Bernard. **A Bíblia dos Rosa-Cruzes. Introdução, III – As núpcias Químicas, pp.38-65; Tradução, As núpcias Químicas, pp.119-222.**São Paulo: Pensamento, 1977.

LEWIS, Ralph M. **Los antiguos símbolos sagrados. El ser dual, p. 83; la rosa cruz hermética, p. 62.** San José: departamento de prensa y publicaciones da Biblioteca Rosa Cruz, 1982.

MAIER, Michael. **Atalanta Fugiens, theFleeing Atalanta or new ChymicalEmblemsoftheSecretsofNature.Rebisis a Hermaphroditeproducedfromthetwo mountains of Mercury andVenus, p. 118.**OPPENHEIM: PrintedbyHieronymousGallerus - PublishedbyJohann Theodor de Bry, 1618.

O LIVRO DOS MORTOS DO ANTIGO EGITO. Tradução de Edith de Carvalho Negraes. **Cap. CV, p.118.** São Paulo: Hemus, 1982.

PASQUALLY, Martines de. **O tratado de reintegração dos seres. O advento de Enoqueprediz a reconciliação universal, em três operações, p. 173.** Curitiba, Grande Loja da Jurisdição de Língua Portuguesa da Rosa Cruz - AMORC, 2008.

PLATÃO. **O Banquete.“Andrógino”, pp.57-60.** Coleção: Os Pensadores.São Paulo: Nova Cultural, 1991.

Credito das imagens

Imagem 1:

MAIER, Michael. **Atalanta Fugiens, theFleeing Atalanta or new ChymicalEmblemsoftheSecretsofNature. EMBLEMA XXXVIII. Rebis, ut Hermaphroditus, nasciturexduobusmontibus, Mercurii&Veneris, p.118.** OPPENHEIM: PrintedbyHieronymousGallerus - PublishedbyJohann Theodor de Bry, 1618.

Imagem 2:

<https://petabiblia.wordpress.com/2011/05/01/inri-saos-as-palavras-que-estao-inscritos-da-cruz-do-filho-de-deus/> - Acessado em 15/06/2015 às 21:33.

Imagem 3:

LEWIS, Ralph M. **Los antiguos símbolos sagrados. La rosa cruz hermética, p. 62.** San José: departamento de prensa y publicaciones da Biblioteca Rosa Cruz, 1982.